

## A FÁBRICA TÊXTIL EM SOROCABA, IMPRENSA OPERÁRIA E EDUCAÇÃO NOS ANOS DE 1889-1914

Jefferson Carriello do Carmo<sup>1</sup>

**Resumo:** No final do século XIX início do século XX, a cidade de Sorocaba passa do comércio de muaras para uma cidade-vanguarda de produção industrial. Há registros da decadência das feiras de muaras e da criação das linhas férreas, o que propicia, para a região, o início de outra atividade econômica: as indústrias têxteis. Nesse contexto, o objetivo do artigo é compreender dentro do *Sitz im Leben* da industrialização sorocabana através da análise das notícias publicadas pelo Jornal *O operário*, que circulou de 1909 a 1913, as principais reivindicações educativas e ações que estavam presentes na formação da classe trabalhadora. Além disso, pretende-se verificar os sentidos que esse jornal dava ao processo de formação do trabalhador e qual a relevância que a escola tinha nesse processo.

**Palavras chaves:** Sorocaba, imprensa operária, indústria têxtil, classe operária, educação.

**Abstract:** In the end of XIX and beginning of XX centuries, Sorocaba city passed from equidae fair to a vanguard city of industrial production. There are registries of declining in equidae fair, the development of the railways which cooperated to the region with the growing of economic activities, such as textile industries. In this context, the objective of this article is to understand inside of *Sitz im Leben* regarding Sorocaba's industrialization through the newspaper "*O Operário*", that circulated in 1909 until 1913, the main educational demands and actions, which were part of the labor class formation; to verify the senses given by this Journal to the process of the worker formation and what is the relevance that the school had in this process.

**Keywords:** Sorocaba, labor journal, fabric textile, labor class, education.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A análise da industrialização sorocabana através da imprensa local mostra que, no final do século XIX e início do século XX, esse processo configurou-se sob a perspectiva do progresso. Passa de

<sup>1</sup> Pesquisador Colaborador Voluntário – UNICAMP, docente da Universidade de Sorocaba – UNISO e das Faculdades Integradas de Itapetininga – FKB. Email: jeffcc@uol.com.br

uma cidade de comércio de mueres para uma cidade-vanguarda de produção industrial. Em 1850, em Sorocaba, manifesta-se a decadência das feiras de mueres e a criação das linhas férreas, que propícia para a região o início de outras atividades econômicas o das indústrias de chapéus, (Diário de Sorocaba, 6/11/1888), a indústria têxteis (Diário de Sorocaba. 01/10/1882; Diário de Sorocaba. 24/10/1890), cuja técnica era manufatureira e estava dentro da produção lógica do capitalismo. Esse processo de industrialização articula-se com os outros ramos produtivos tais como: fábrica de óleo, sabão, velas, etc...(Diário de Sorocaba. 29/05/ 1891)

Nesse processo situa-se a classe trabalhadora, entendida, em nosso texto, como o resultado de experiências comuns – herdadas, partilhadas ou sentidas entre os homens que articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) uns dos outros (THOMPSON, 2005). A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram ou entraram involuntariamente. Nessa articulação de interesses de classe nasce na cidade de Sorocaba o jornal *O Operário - Orgam de Defesa da Classe Operária e Noticioso* (1909-1913). Junto com o nascimento desse jornal é fundada em 18 de setembro de 1911 mediante uma reunião que contou com mais de 700 pessoas, a *Liga dos Operários de Sorocaba*, (O Operário de 18/09/1911) que logo em seguida deliberou a constituição de uma forte rede de comunicações entre as quais uma escola noturna, com vistas a atender as crianças operárias estando sob a direção do professor Joseph Juber Revier.

O que se propõe, neste texto, de forma sucinta, é compreender dentro do *Sitz im Leben*<sup>2</sup> da industrialização sorocabana através da imprensa local quais foram as principais reivindicações educativas e ações que estavam presentes na formação da classe trabalhadora; compreender os sentidos que esse jornal dava para o processo de formação do trabalhador e qual a relevância que a instrução tinha nesse processo. A formação aqui não é entendida como algo separado da instituição escolar e sim manifesta num universo de saberes e fazeres transmitido de geração para geração.

<sup>2</sup> Momento vivencial

## A IMPRENSA, IMPLANTAÇÃO DAS INDÚSTRIAS EM SOROCABA, FORMAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA E EDUCAÇÃO.

A visão da formação e situação do proletariado em Sorocaba, no final do século XIX início do séc. XX está atrelada com a chegada dos imigrantes europeus, que trazem do Velho Mundo as novas idéias que rondam o meio operário. Na cidade, o proletariado assume outros contornos em forma de movimentos e associações operárias ligado à produção. Juntamente com essas associações, surge a imprensa, na qual se processam manifestações cujo cerne objetiva conquistas dos direitos à educação, a participação civil e à resistência à exploração.

No que se refere a industrialização sorocabana a presença e a formação da classe operária reportam ao início da construção da ferrovia, em 1872, após as fábricas N. S. da Ponte em 1882. Essa formação pode ser constatada nos locais de moradia do operariado, que eram geralmente próximos ao local de trabalho em vilas operárias.

A Fábrica Votorantim constitui-se em exemplo desse tipo de localização.

Localizada nas proximidades de Sorocaba (a 6 quilômetros de Sorocaba e 115 de São Paulo), a indústria teve, no entanto, que construir na época uma linha férrea para comunicar-se com Sorocaba e praticamente construir uma 'cidade operária'. Esta, situada nas vizinhanças da fábrica, teria em 1913 acomodações para 3.000 operários, possuindo jardins públicos, clubes, escolas, lojas, iluminação elétrica. (DECCA, 1987:60)

Segundo WERNECK, 1914, na fábrica Santa Rosália, fundada 22 de outubro de 1890 por Frank Speers e pelo comendador George Oetterer é na vila operária em que se revela a situação social vivida pelos operários com o desenvolvimento da indústria.

(...) á esquerda do Rio Sorocaba, a Villa Santa Rosalia, com a pittoresca casaria uniforme, alinhada em ruas direitas e bem conservadas, ostentando no plano principal a sua grande fábrica de tecidos.

De construção moderna e higienica, a Villa Santa Rosália, que representa em si a eloquencia do progresso, progride dia a dia, afim de abrigar as centenas de operarios que impulsionam a industria com o seu trabalho valioso; aquelles grupos de habitações, modestas ruas que agradam á vista, resumem, juntamente com o edificio da maqui-naria, a garantia de uma vida sem grandes preocupações a muitas familias, ás quaes a lucta pela existencia se tornou menos pezada, graças á iniciativa do capitalista benemérito. (...)

A villa, anexa a esta, é organizada de 270 casas, escolas publicas, consultorio medico, armazem, casa de diversões, etc., sendo magnifica a sua illuminação electrica e perfeito o serviço encanamento de agua.

A energia electrica para a illuminação da villa, bem como para a movimentação da fabrica, que possui 11 motores com um total de 1230 H.É fornecida pela São Paulo Electric Company. ((WERNECK, 1914:52) <sup>3</sup>

<sup>3</sup> Nesta, assim, como nas demais citações dos Almanagues e jornais, optou-se por não atualizar a ortografia encontrada nos originais.

Essa fábrica, construída conforme a arquitetura das usinas americanas tinha como trabalho constante a mão-de-obra de 840 operários de ambos os sexos, produzindo mensalmente 1000.000 metros de algodãozinho, consumindo, nesse espaço de tempo 80.000 quilos de algodão, quase todo ele cultivado no município de Sorocaba. (WERNECK 1914:52)

Um outro aspecto revelado pela imprensa local é que “qualquer capitalista adquiria uma área de terreno, junto ao afastado do perímetro da cidade e nela levantava, a seu bel-prazer, não só um estabelecimento de indústria, como também um agrupamento de casas que aluga aos seus operários”, (O Operário. 09/01/1910) não tendo esses estabelecimentos qualquer controle da parte do governo, mas tendo como uma referência o progresso da cidade.

Tal progresso estava na garantia do trabalho assalariado para a população trabalhadora, numa “falsa” garantia de meios de subsistência à população, mas que são anunciadas pela imprensa local como “necessidade de uma população pobre”. Assim, “Folgamos em registrar estes factos, testemunhos eloquentes do grande incremento que vão tomando as indústrias em paragens até hoje quase incultas e sem outro incentivo mais que as intimas necessidades de uma população pobre” (Diário de Sorocaba, 03/07/ 1891).

Em uma visão em que os primeiros industriais aparecem como uma espécie de “redentores” para o trabalhador, que compra e instala as máquinas, sendo pela imprensa local felicitado pelo empreendimento (Cruzeiro do Sul, 8/10/1904), a finalidade era regular os recursos locais disponíveis, firmando a autonomia e vida própria para as indústrias sorocabanas.(Diário de Sorocaba, 01/08/ 1891). Para tanto, queriam dotar Sorocaba de indústrias mesmo que para isso viessem abandonar a lavoura. “Fizemos a Sorocabana, agora transformemos nossa cidade em

centro industrial de maior importância no Estado. As outras cidades servidas pela Sorocabana deixemos a lavoura. A Sorocabana reservemos a indústria." (Cruzeiro do Sul, 11/01/1905)

Mesmo *O operário*, "órgão de combate" da classe operária, que tinha por missão "defender a legião dos oprimidos que constitui o elemento primordial do progresso e consequentemente o da riqueza universal" (*O Operário*, 09/04/1911) não se arriscava em desmentir o progresso representado pela indústria. Sobre a fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte, a primeira do gênero em Sorocaba, não restavam dúvidas que por ser pioneira, havia dado "um passo gigantesco na senda do progresso da nossa terra" (*O Operário*, 19/02/1911).

Todos sabem perfeitamente que a vida de Sorocaba, tem seus alicerces na indústria manufatureira de que muito orgulham seus filhos aliás com razão, porque nem uma outra cidade do sul, do norte e mesmo do oeste do Estado tem atingido a um desenvolvimento industrial tão considerável como seja a nossa terra, por isso, teremos imenso prazer que as fábricas existentes vão aumentando dia a dia e que muitas outras ainda se construam aqui, para que o nosso progresso material seja cada vez mais acentuado e para que o título de manchester paulista de que goza então, nunca, nem por sonho venha um dia a perder. (*O operário*, 19/02/1911)

A apologia da indústria, como um meio para implantar o progresso na cidade aparece através da imprensa local como um meio "dos mais poderosos agentes do progresso material deste município, cujas tendências para a sua autonomia são intuitivas." (*Diário de Sorocaba*. 19/05/1891).

Com o lema do progresso, as fábricas impunham um ritmo de trabalho, em que as jornadas de trabalho de 12, 13, 14 e até 15 horas diárias como no caso das fábricas Santa Maria, Santa Rosália e Fonseca. Em alguns casos, o chamado "serão" era estendido até a madrugada. Entre outras coisas, essas jornadas de trabalho muito longas impediam que os menores em serviço frequentassem as escolas noturnas (*O operário*, 02/10/1909).

Um outro aspecto denunciado pelo jornal eram os castigos corporais, aos menores, realizados pelos contramestres e fiscais das seções da Fábrica N.S.da Ponte.

(...) Fez-se ouvir em primeiro lugar o nosso amigo Antônio Argento que levantou um enérgico protesto sobre o modo brutal e desumano, porque na Fábrica N.S. da Ponte castigam os menores, tendo se dado em dias passados o fato altamente 'digno e louvável' de um Sr. Eloy Ribeiro, preposto do Sr. Cugnasca, ter agarrado um pela gargan-

ta, de modo a causar-lhe asfixia, sendo necessário recorrer-se de pronto à farmácia! Onde foi medicado. (...) (O Operário, 12/12/1909)

O trabalho menor também era utilizado nas fábricas, porém combatido e denunciado.

(...) Entrada às 6 horas da tarde;

Saída às 3 horas da madrugada;

Como todos sabem na Fábrica Fonseca, turmas de operários trabalham de noite e entre essas turmas existem crianças, que por necessidade ou desleixo dos pais fazem parte das mesmas (O Operário de 24/12/1911).

Junto com essas longas jornadas de trabalho existia a má alimentação, o cansaço em demasia dos pequenos operários de 10 e 12 anos, que trabalhavam como ajudantes dos operários principais, causando-lhes diversos acidentes, algumas vezes graves:

O menor Euclides Brasiliense de 12 anos de idade, (...) trabalhava na engomadeira, quando por descuido, muito natural das crianças, viu-se preso, pelo braço direito no cilindro da máquina (...)

(...) fazemos um justíssimo pedido de não se suspender ao nosso companheirinho o seu salário, enquanto estiver preso ao leito de dor (...). É triste para mim e outros que como eu prezam em ser sorocabanos, é triste, muito triste de ver uma multidão de pequenos, completamente analfabetos, trabalharem numa escura fábrica, desde às 5h da manhã até às 7h da noite, ganhando 250 réis e 300 réis durante essas horas! (O Operário, 24/10/1910).

Em resumo, se por um lado, o grande perigo dos acidentes espreitava os menores no trabalho, por outro, as longas jornadas que lhes eram impostas, impediam-nos de freqüentar as escolas noturnas, fazendo-os muitas vezes, crescerem semi-analfabetos. Isso, para os integrantes do movimento operário como socialistas e anarquistas, era inaceitável, por entenderem a educação como fator não só de transformação social, como também, o ato pela qual os operários iriam ter consciência de uma sociedade ácrata.

Como não poderia deixar de ser, na gênese implantação da indústria, em Sorocaba, a formação da classe operária caracteriza-se pelas relações entre capital e trabalho, e que em primeiro lugar através da situação de classe de um grupo sendo as relações com os meios de produção e na obrigatoriedade da venda do único bem que possui a força de trabalho. É exata-

mente durante esse exercício cotidiano que se desenvolvem algumas das mais (senão a mais) importante contradição das relações sociais - as relações do trabalho.

## A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO OPERÁRIA EM SOROCABA

A questão da educação para o operariado sorocabano, nas primeiras décadas do Século XX, foi uma luta que não só se restringia às questões educacionais, como também à própria organização da classe. A organização era fator preponderante para que os trabalhadores pudessem freqüentar as escolas noturnas o que não ocorria devido a forma como estava organizado o trabalho nas indústrias têxteis. O que se constata na luta operária, na Europa, no Brasil, como em Sorocaba é que a relevância da instrução está na pauta de discussão, nos seus vários aspectos.

Na Europa, a questão da educação operária assume, no âmbito dessa classe, através dos movimentos diferenciados, socialistas, anarquistas, anarcossindicalistas e libertários, relevância por assumirem uma prática de transformação social e libertária (LUIZZETTO, 1989).

Lembra-nos Andreucci, que tais preocupações já existiam em vários países da Europa, organizações escolares mantidas pelo movimento operário desde 1886.

Desde os anos 70, antes mesmo das leis anti-socialistas, existia toda uma rede de instituições culturais (muitas delas constituídas até os núcleos originários da organização política), Círculos de leitura, bibliotecas operárias, cátedras ambulantes, que garantiam aos operários social-democratas a possibilidade de elevar seus conhecimentos, de aperfeiçoar sua consciência política (ANDREUCCI, 1982: 47)

Ainda esclarece Andreucci,

A educação operária, nas primeiras fases do associacionismo, corresponde a essa necessidade, elemento de um programa de “salvação” da alma do operário de todos os perigos da vida pobre nas cidades. Apesar dos esforços das associações operárias e das intervenções legislativas dos Estados na promoção da alfabetização universal, um dos principais fatores da educação operária foi o próprio movimento operário. Imediatamente educativo na militância política: aprende-se ouvir discursos, intervenções, conferências, e se aprende também a fazer intervenções, a discutir. Em segundo lugar, e esse é o ponto que nos interessa aqui, mais de perto o próprio partido político promove iniciativas educacionais, organiza cursos e escolas (ANDREUCCI, 1982: 44-45).

Nessa construção, ainda que diferenciada, para encaminhar o trabalhador para uma educação integral, (BAKUNIN, 2003) o objetivo é desenvolver no educando todas as suas possibilidades, quer no aspecto mental, físico, intelectual ou afetivo e integrá-lo em todas as atividades sociais cotidianas, tendo como finalidade à revolução social (TOMASI, 1973). Neste sentido, a proposta da escola anarquista estava ligada não apenas a uma visão única de revolução, mas de um processo de consolidação de uma ordem social libertária.

(...) para o movimento libertário era muito especial o papel representado pela educação de um modo geral, era claro para a maioria dos militantes que ela não era o único nem o principal agente responsável pelo desencadeamento da revolução, mas era evidente para eles que, nem a ocorrência de mudanças profundas na mentalidade das pessoas, mudanças provocadas em grande parte por intermédio da educação, a revolução social poderia não alcançar o êxito desejado (LUIZZETTO, 1989: 42).

Mais adiante esclarece Luizzetto:

Efetivamente, é ela que pode criar mentalidades e vontades libertárias capazes de, primeiro, estimular e impulsionar o processo de mudança social e de posteriormente, garantir a não degeneração da nova sociedade à crata. (LUIZZETTO, 1989: 44).

No Brasil, 1º Congresso Brasileiro de 1892 constata a redução da jornada de trabalho, cuja finalidade era permitir que os trabalhadores pudessem freqüentar as escolas noturnas (PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M., 1979).

No início do Século XX, em Sorocaba, constata-se pela imprensa local, que o número de escolas noturnas era reduzido e em detrimento que podiam ser freqüentadas pelos operários, por motivos financeiros. Segundo (ARAÚJO NETO, 2005) havia duas importantes escolas operárias noturnas, uma no distrito de Votorantin e outra dentro da propriedade Santa Rosália. Existiam ainda outras escolas menores mantidas por instituições filantrópicas, entre as quais a maçonaria, representada em Sorocaba pela Loja Perseverança III.

Embora havendo um distanciamento da escola imposto pelas contradições capital e trabalho verifica-se em *O operário* através de uma carta do prof. Joseph Juber Revier, uma advertência sobre o “baixo nível cultural do proletariado da cidade” e propõe o retorno dos ideais libertários a educação integral e a transformação social. Para que isso ocorra indica a necessidade



de os operários estarem extremamente *conscientes*, sendo a educação parte fundamental para isso. (O Operário, 02/06/1911)

Vejamos, por exemplo, uma declaração ambígua noticiada pelo articulista João de Oliveira Camargo de Sorocaba em *O operário* ao referir-se a *liberdade e o trabalho*.

Educar o operário e os filhos dar-lhes a luz bendita da instrução, é obra mais meritória, mais santa, que se pode cumprir aos olhos de Deus, aos olhos dos homens, e imitar aquele eterno modelo de virtude, de perfeição, que se goza em dar a verdadeira divina as criança, como a ave do céu dá o grão de trigo aos seus ternos piinpolhos que piam no ninho (O Operário de 10/12/1911).

Embora, nesse artigo, haja certa contradição com o pensamento libertário pelo fato de atribuir à instrução como algo digno do apreço dos olhos de Deus, não se pode deixar de registrar que a importância dada à instrução, cuja finalidade era eliminar o caráter dualista, marco visível na instrução escolar desde os tempos remotos. Acrescenta ainda, o articulista, que essa tinha por finalidade contribuir para a perfeição da terra, dos trabalhadores e do cidadão. Salienta que “a educação, como o homem, deve ter dois ensinamentos: moral e religioso”. “A educação deve ter dois ensinamentos: ensinamentos de personalidade que trouxe a vida: e o ensinamento de seus deveres para com a sociedade em que vive”. (O Operário de 10/12/1911)

Nessa luta pela instrução, jornal *O operário* traz em um dos seus artigos o título *Democracia e instrução*, assinado por Baptista de Santis em que salienta o século XX como o século “da mais pura democracia” e que essa seria “pela instrução”.

Será o século da mais pura democracia, e pela qual os homens conscientes, desimpedidos das lutas mesquinhas que lhes aviltam a condição social, erguer-se-ão à altura dum baluarte comum para a defesa da Verdade – numa igualdade de luz, caindo com deslumbramentos portentosos da razão sobre as trevas ignominiosas da obsessão do erro.

Será o século, portanto, da independência racional, amando-se a liberdade, não pelo que ela tem de subversiva à ordem pública, mas pelo que ela encerra de verdadeiro como prerrogativa dum cidadão apto, sem coação de moléstias nervosas, de preconceitos sociais e religiosos, e, sobretudo, sem as peias da ignorância.

Mas isso pela instrução (O operário de 01/01/1911).

Nesse artigo, é possível verificar, entre outros aspectos, o ideal libertário proposto pela educação anarquista cuja media-

ção a escola aparece como sendo uma das formas institucionalizadas que instrui o operário para alcançar sua “independência racional”. Tal independência provida da democracia do século XX em que os homens serão mais conscientes defensores da verdade e da razão o que proporcionaria a esse homem (operário) a libertação de toda sorte de ignorância.

O artigo ressalta que, no século XX a sociedade voltada para o progresso e para o bem-estar da humanidade terá como referência “a cultura racional do Bem”, cujo resultado é igualdade social, em que a razão prevalecerá sobre “as trevas ignominosas da obsessão do erro”. A liberdade, segundo o articulista, resultará na sua independência racional, desde que esteja instruído na “a cultura racional do Bem” o que “efetivaria” sua liberdade e possibilitaria respeitar as normas de convivência social, desde que a base dessa instrução fosse norteada pelos princípios democráticos, que deveriam ser apreendidos pela razão. Assim sendo, a instrução aparece como fator fundamental para as conquistas dos trabalhadores, no início do século XX.

O “cidadão do futuro”, tendo como referência, a instrução integral que o prepara para a vida intelectual e vida para o trabalho irá possibilitar a este, que chegue, segundo o articulista, a conquista dos bens culturais providos da ciência e da arte, o que possibilitará a contrapor-se ao uso da ciência pela burguesia<sup>4</sup> através da palavra falada ou escrita. A instrução integral condena a ciência que perverte o seu uso pelo doutrinamento e oprime em vez de libertar. Segundo Santis, esse cidadão,

<sup>4</sup> Segundo, Bakunin, (...) a organização econômica e política da sociedade foi tal que só os burgueses puderam instruir-se, que a ciência não existiu senão para eles, e que o proletariado encontrou-se condenado a uma ignorância forçada”. BARRUÉ, Jean. Bakunin e a educação. In: (BAKUNIN, 2003: 16-17)

(...) familiarizado com o seu código civil, (...) ilustrado pelas conquistas soberana das ciências e artes, ele avultar em todas as esferas sociais, como homem de seu século, isto é, forte no corpo, forte no espírito, e, mais ainda, em seus ideais que saberá defender pela palavra ou pela penna, como esclarecido que será, sem dar satisfações de conveniências a quem quer que seja, senão que a si mesmo pelos seus actos livres. (O Operário de 01/01/1911).

Um outro aspecto indicado pelo articulista é sobre o enobrecimento do homem através da instrução. Esta não só nobilita o homem (o operário), mas o considera social, mais ilustrado possibilitando-o a aceitar e compreender as coisas da fé pela razão.

Nesse dia teremos o homem ideal, que pouco os importará com o socialismo sendo elle mesmo o operário mais illustrado, e que pouco ainda se envolverá com a metafísica da religião, porque compreenderá também que a fé, como virtude, se aceita pela razão, de ser respeitada, e se aceita pelo coração, mas que respeitada deve ser apoiada. Mas, isso pela instrução ainda, visto que só por ele o homem se nobilita, e impõe-se à consideração social (O Operário, 01/01/1911).

Por fim, o artigo acena para o valor da instrução pública como condição primeira para a elevação da sociedade verdadeiramente, democrática. Provavelmente, esse era o ideal do regime republicano, a saber formar o cidadão no mundo moderno. Santis enuncia o que provavelmente já estava ocorrendo em São Paulo e que muito provavelmente estivesse se referindo à reforma educacional de Caetano de Campos de 1890, poucos meses após a proclamação da República.

No artigo, cujo título *Perfeiçoem –nos* traz as seguintes palavras:

Operários! Consagrai após os vossos trabalhos quotidianos pelo menos meia hora para iluminar o vosso espírito com a luz fecunda e benéfica da instrução.

Companheiros não vos ofendeis; não quero com isto chamar-vos de ignorantes, antes pelo contrário muito longe disso estou.

Quero apenas dizer-voz que quando mais estudamos, melhor e mais vantajosamente venceremos as dificuldades de nossa classe (O Operário, 20/06/1911)

Nesse texto, o articulista faz várias alusões que marcam a relevância que o jornal dava para a instrução que estão dentro das preocupações da educação libertaria. A instrução, para vencer as dificuldades. Provavelmente essas dificuldades estivessem relacionadas às mudanças sociais que estavam ocorrendo, no caso de Sorocaba, de forma bastante rápida, principalmente sob a ótica da industrialização e a modernização que, ainda, não era gozada por todos, principalmente pela classe operária. Nesse processo de modernização há mudanças, também, na ordem social. Daí, entre os libertários, a necessidade da aprendizagem politécnica e do acesso a todos os graus de ensino, o que seria um relevante passo no processo de emancipação do trabalhador. Tais preocupações estavam presentes na consciência que o redator tinha da instrução para a classe trabalhadora, como um fator que pudesse colaborar para eles vencerem “as dificuldades de classe”.

Embora o Colaborador tivesse essa consciência da relevância da instrução escolar para a superação das dificuldades isso era difícil, para o momento, pois não havia escolas suficientes para abrigar todos. Fato que é noticiado, pelo *O Operário*, que uma escola noturna destinada a ensinar o proletariado era de procedência da Loja Maçônica Perseverança III.

A redução da jornada de trabalho e a educação, situações que estavam relacionadas e faziam parte das reivindicações dos operários. A conquista pela diminuição da jornada de trabalho aparece como fato fundamental para a formação operária e reforçada, em Sorocaba, através de reuniões e formações de uniões (*O Operário*, 05/02/1911) que visam, entre outras coisas, a redução das jornadas de trabalho e a educação.

A luta pela redução da jornada de trabalho e suas consequências para educação, prerrogativa que já aparecia na gênese do movimento operário, em 1894 (HOBBSAWM, Eric et. al, 1982) quando os socialistas, no Brasil, adotaram as posições da II Internacional (Cf. HARDMAN, Foot; LEONARDI, Victor, 1991: 184-201). Na greve de 1904 no Rio de Janeiro e em São Paulo, que, reivindicava a diminuição da jornada de trabalho para 8 horas, que participaram desse movimento os tecelões e ferroviários de Sorocaba (KOVAL, 1982: 104). E no primeiro Congresso Operário, em 1906, torna claro tais reivindicações de como as condição necessária para o bem-estar do trabalhador em vários aspectos, inclusive a facilitação para o estudo e a educação.

Considerado que a redução de horas de trabalho tem influência sobre a necessidade do bem-estar, aumentando o consumo e daí a produção; que por essa razão, e ainda por diminuir o trabalho cotidiano, a desocupação diminui e o salário tenderá a subir; que o descanso facilita o estudo, a educação associativa, a emancipação intelectual e combate o alcoolismo, fruto do excesso de trabalho, embrutecedor e exaustivo (...) (PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. , 1979:51).

Os operários percebem a importância das escolas, cuja finalidade era a de alfabetizar o trabalhador, por um lado, mas que isso não estava sendo possível por causa da duração da jornada de trabalho, que impedia a frequência nos estabelecimentos de ensino. Situação essa que não só valia para os adultos, como também, para os menores que cumpriam a mesma jornada de trabalho.

As fábricas de tecidos Santa Maria e Santa Rosália trabalham até oito e meia da noite (...), a de Nossa Senhora da Ponte até às 7 h, a Fábrica de Chapéus até às 5:30 h da tarde.

As escolas noturnas criadas e mantidas pelo governo do Estado, segundo o regulamento, devem abrir-se às 6 horas da tarde, fechando-se às 9 da noite (O Operário de 02/10/1910).

Esses horários e a forma como estava organizado o trabalho inviabilizavam a freqüência operária nas escolas, não só pelo excesso de horas, como também pela fadiga que impossibilitava um aproveitamento satisfatório. Para a freqüência adequada na escola o proletariado luta pela redução da jornada de trabalho o que seria uma das principais condições para o estudo e a educação.

Embora, nesse período, as conquistas pela diminuição das horas de trabalho não fossem efetivadas, conseguiu-se o aumento de freqüência operária nas escolas, fato confirmado pelo jornal *O operário*, especialmente as escolas noturnas incentivadas pela maçonaria.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, embora inicial, sobre a gênese da industrialização têxtil em Sorocaba e da formação da classe operária, cujo objetivo foi compreender, dentro do momento vivencial, as principais reivindicações educativas e ações que estavam presentes na formação dessa classe e os sentidos que a imprensa local deu para o processo de formação aponta para as seguintes considerações:

Primeiro a gênese da indústria têxtil, em Sorocaba, através do lema o “progresso” trouxe novas formas de vida social para os seus moradores. No âmbito dessas proposições, estava a promessa do trabalho assalariado como garantia de meios de subsistência à população, o que do ponto de vista da luta entre capital e trabalho não ocorre, mas dá sustentação para disputa de classe, principalmente pela educação, situação que pode ser constatada pela imprensa local. Em princípio, tal disputa se dá pelo número de escolas noturnas, reduzidas, nas quais o operário local não podia freqüentar, por motivos financeiros.

Segundo, a imprensa operária coloca em evidência a necessidade de essa classe ter consciência da educação, quando constata o baixo nível cultural desse segmento social, o que propicia a retomada dos ideais libertários, cuja referência está na educação integral e a transformação social através das formas institucionalizadas de instrução operária. Esse procedimento possibilita à classe alcançar sua “independência racional” compreensão essa oriunda da democracia do século XX, em que os

homens serão mais conscientes defensores da verdade e da razão, o que lhe propicia a libertação de toda sorte de ignorância formando-o para ser o “cidadão do futuro”.

Terceiro, a imprensa local acentua através, de seus articulistas, que a formação integral prepara para a vida intelectual e a vida para o trabalho, fator fundamental para as conquistas, no início do século XX. A instrução, que não só enobrece o trabalhador, mas o considera social e mais ilustrado o que possibilita a aceitar e compreender as coisas da fé pela razão e como um dos fatores que podem colaborar para vencerem “as dificuldades de classe” inerentes nas transformações da sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDREUCCI, Franco. **A divulgação e a vulgarização do marxismo.** In: HOBBSAWM, Eric et. al *História do marxismo II: o marxismo da época da segunda internacional.* 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, Parte I. (Coleção pensamento crítico: v. 46).

ARAÚJO NETO, Adalberto Coutinho de. Sorocaba operária: ensaio sobre o início do movimento operário em Sorocaba 1897-1920. Sorocaba, SP: LINC, 2005.

BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral.** São Paulo: Imaginário, 2003.

BARRUÉ, Jean. Bakunin e a educação. In: BAKUNIN, Mikhail. **A instrução integral.** São Paulo: Imaginário, 2003.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. A vida fora das fábricas. Cotidiano operário em São Paulo 1920-1934. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HARDMAN, Foot; LEONARDI, Víctor. História da indústria e do trabalho no Brasil: das origens aos anos 20. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo II: o marxismo da época da segunda internacional.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, Parte I. (Coleção pensamento crítico: v. 46).

KOVAL, Boris. **História do proletariado brasileiro** 1857 a 1967. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

LUIZZETTO, Flávio. **Utopias anarquistas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.

MORIYÓN, F. G.. **Educação libertária.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989

OLIVEIRA, Sérgio Coelho de. **Os espanhóis.** Sorocaba, SP: TCM, 2000.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. **A classe operária no Brasil, 1989-1930**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional**. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

TOMASI, Tina. *Ideologie libertarie e formazióne umana*. Italia: Firenze, 1973.

WERNECK, Braulio (org.). **Almanach Ilustrado de Sorocaba para 1914**. Sorocaba: Typografia Werneck, 1914.

## **FONTES PRIMÁRIAS – JORNAIS E REVISTAS**

O Operário (1909-1913);

Diário de Sorocaba, (1880 até nossos dias);

O 15 de Novembro – órgão republicano (1897 – 1899),

Cruzeiro do Sul (consultado 1904-1905);

**Artigo Recebido em: 08/06/06**

**Aprovado em: 23/10/06**